

# AINDA A DUPLICIDADE DE MACHADO DE ASSIS

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

A Academia foi para Machado de Assis uma "obra" em sentido diverso daquele que se refere aos romances e contos, e análogo ao que se usa para designar a militância ou a ação apostólica. Fundação mais do que invenção, obra institucional, aparelho de congratulamento, a Academia leva seu autor a perder de vista as agudas exigências relativas ao valor próprio das obras literárias de seus candidatos. Esse fenômeno de benevolente obnubilação é bem conhecido de todos que militam dentro de uma confraria; e se não li mal nas linhas e nas entrelinhas, penso que Machado de Assis era sincero, mas sincero de dois modos. Penso que seus olhos banhavam-se num colírio de especial indulgência quando o objeto era um confrade ou mesmo um candidato. Por amor de paixão aquela casa quase hipostasada, deixava-se cegar, e pode ser até que procurasse descanso na implacável acuidade com que, a partir de Braz Cubas, via a crua claridade das coisas sob o sol. Seja qual for a explicação, subsiste a dificuldade de soldar o homem que na obra máxima chegou ao delírio do gênio com o Homem que na "obra" foi tão perseverante no interesse, metódico, disciplinado e prudente. Para tal empreendimento há de juntar-se o escatológico ao rotineiro; há de combinar-se o angustiado com o crente; há de celebrar-se a núpcia do desconsolo com a aplicação, ou há de se traçar uma espécie de bissetriz entre a anarquia de um Sterne e a pontualidade de um oficial de gabinete do Ministério da Agricultura; ou então tentar-se-á combinação que dê produto estável entre o respeito pelo candidato e a irreverência pelo medalhão com seu "ministério do corpo"; ou cuidar-se-á de compor um regimento médio que sirva para a Academia Brasileira e para as Academias de Sião.

Mais difícil ainda seria a conciliação da beatitude a que se refere Nabuco com a pungente aflição que passa, como corrente de ar frio, na obra de criação. Diz o amigo que Machado era profundamente feliz; diz Braz Cubas que era profundamente infeliz. Atestam os biógrafos que Machado era homem de valorizar as secretárias e as academias; provam seus personagens que Machado tinha a dolorida visão do ultra-violeta que revela a pobreza ridícula de todas as coisas criadas. Que pensaria ele do Duque Estrada, lá no seu escritório de Cosme Velho, se a figura do candidato, ao sabor dos caprichos da imaginação, o viesse visitar na hora em que escrevia "A propósito de botas", ou na hora maior em que traçava o que pensou das queixas de D. Plácida? Diria o mesmo, aos seus botões, que escreveu a Nabuco? Creio que não; mas também creio que não chegasse a se desdizer. Imagino a sombra de um sorriso ao canto da boca, ou um piparote no fantasma de leitor que lhe pedisse contas. Ou então imagino uma saída como aquela com que resolve as perplexidades no fecho de um conto — Enfim, coisas...

Quanto à bissetriz entre a felicidade, que atrás deixei suspensa, poderíamos tentar uma fórmula que somasse Carolina e o sucesso literário à epilepsia. Com essa mistura, como a de todas as vidas, poderíamos dizer: feliz aqui, infeliz acolá; ditoso agora, desconsolado depois; e o agri-doce da receita explicaria as cartas e a obra. Mas o próprio Machado nos diz o que pensa dessa meia tinta de felicidade: "... não são infelizes, nem podemos dizer que são felizes. Vivem, respeitam-se, vão ao teatro..."

Além disso, se devermos reconhecer da epilepsia a base orgânica do famoso "pessimismo" machadiano, como insinua Alfredo Pujol, teríamos de admitir que o

maior autor brasileiro de todos os tempos não é Machado de Assis; e a Epilepsia. Como o próprio Pujol tão bem assinala, Memórias Póstumas de Braz Cubas não é livro que se distingue de Yayá Garcia apenas por uma agravação da Hiponondria. É o início de uma nova estética. É o impressionante começo de uma nova carreira espiritual. É o testemunho de uma nova descoberta, de uma nova visão das coisas e da vida. Que a doença avançada trouxe um matiz, entende-se; que traga uma nova ciência das coisas e uma original estética, já é mais difícil admitir. A epilepsia terá entrado como circunstância, não como causa. Pode ter colaborado no modo adjetivo, como convém aos ventos da vida; não pode entretanto reivindicar méritos de criação. Aliás, se aceitássemos a hipótese da importância do fator patológico na transição entre Yayá Garcia e Memórias Póstumas, seria o caso de recomendar a inoculação de doenças várias, todas graves, nos acadêmicos que quisessem honrar a memória do patrono. Eu, por mim, não creio que passassem a escrever melhor; em todo o caso, se quiserem tentar a experiência, não serei eu que me oponha.

—oOo—

Volto ainda uma vez à suposição de que o pessimismo machadiano seja um atitude cultivada, e que sua irreverência venha de um mecanismo de compensações, como contraparte da reverência compulsória a que o levavam as boas relações, a Academia e o apolíneo caráter de Joaquim Nabuco. Machado teria inventado um modo secreto de desforrar-se. A parte comprimida de seu psiquismo, por decompressão, punha-lhe nos dedos a pena da galhofa molhada na tinta da melancolia. Alfredo Pujol, ao analisar as influências literárias que levaram Machado ao ponto de inflexão de sua nova estética, depois de mencionar Rabelais, Montaigne, Shakespeare, Cervantes, Stendhal, Swift e Sterne, aborda o problema da chamada inafetividade machadiana, aproximando-o do caso de Merimée, que "simulou em sua obra um ceticismo agressivo e exagerado que está longe de exprimir a essência de seu caráter e do seu temperamento". Citando Auguste Filon, diz que o bom nome de Merimée se salvará pelas cartas. "Essa deliciosa correspondência — diz Alfredo Pujol — que foi um dos leitivos dos derradeiros dias de Machado de Assis, nos mostra os recantos de uma alma terna e carinhosa, amorável e melancólica, unida de uma serena e íntima tristeza". Felizmente acrescenta ainda uma judiciosa observação de um dos biógrafos de Merimée: "Il n'y a pas, en effet, de jeu plus dangereux que d'affecter certains défauts; car l'affectation finit sans peine par devenir une réalité, et notre pauvre nature humaine n'est pas si bonne qu'il faille beaucoup d'efforts pour la prévenir. A vouloir paraître sec on risque de le

devenir, et, lorsqu'on se pique d'être immoral, c'est une gageure qu'il n'est pas très difficile de remplir".

Ora, não aconteceu isto com Machado; como também não aconteceu com Merimée. Apesar do forte contraste entre os livros e as cartas, num como em outro, é inadmissível a idéia de simulação que só poderia produzir obra mediocre. Tão absurda é a idéia de tirar o gênio da doença, como a de tirá-lo da mentira, que é a maior enfermidade do espírito. Artilício não se nega que haja, pois não pode haver arte sem estilizações e transposições; mas simulação, receita de escrever, atitude cultivada, não são coisas que expliquem a peregrina beleza de Memórias Póstumas e Dom Casmuro. A beleza será sempre um esplendor de verdade; ou então será uma espécie de fingimento como a que nos descreve Fernando Pessoa:

O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.

Devemos então procurar em outras direções o significado profundo daquilo que infelizmente se convencionou chamar pessimismo, inafetividade, segura ou até maus bofes de Machado de Assis. Ou melhor, daquilo que marca uma nova dimensão — a nova estética de Pujol — que aparece de repente depois de Yayá Garcia. Não podendo proceder como hoje tão dessembradamente se faz, isto é, não podendo entrevistar o autor, tentaremos procurar melhor o que ele nos deixou soberbamente dito em sua obra. E também — embora não seja esse o método recomendado ou difundido para as pesquisas da crítica interpretativa — tentaremos entrevistar a efígie que o fotógrafo do tempo nos legou. O retrato de Machado de Assis diz alguma coisa de seu mistério.